

A PRÁTICA FILOSÓFICA NA FORMAÇÃO DA SUBJETIVIDADE: CINISMO, PARRÉSIA E CUIDADO DE SI

Diego Medeiros Farias¹
Nilton Milanez²

Resumo: Este artigo tem como objetivo discutir as ideias de Michel Foucault, apresentadas em seu curso *A Coragem da Verdade*, ministrado no Colégio de França em 1984, e relacioná-las com o seminário homônimo realizado no YouTube em 2024, organizado pelo Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo (LABEDISCO). A proposta é estabelecer uma ponte entre essas duas temporalidades – separadas por 40 anos – para compreender de que maneira os conceitos foucaultianos sobre a parrésia, o cinismo, a genealogia do poder e a ética do cuidado de si se mantêm atuais e são reinterpretados à luz de questões contemporâneas. Os objetivos específicos deste artigo são: (a.) analisar como a parrésia cínica se constitui como uma prática de auto-subjetivação, uma forma de “vida verdadeira” ancorada na coragem de dizer a verdade, tanto no contexto das aulas de Foucault quanto no seminário contemporâneo; (b.) examinar a relevância da arqueologia dos saberes e da genealogia dos poderes na elaboração de políticas da verdade e no cuidado de si como uma prática ética-política; e (c.) investigar o regime de visibilidade proporcionado por essas práticas filosóficas, abordando como a subjetividade é produzida e transformada por meio de mecanismos de coerção e discursos de verdade.

Palavras-chave: Cinismo; Ética; Cuidado de Si; Parrésia; Verdade;

THE PHILOSOPHICAL PRACTICE IN THE FORMATION OF SUBJECTIVITY: CYNICISM, PARRHESIA, AND CARE OF THE SELF

Abstract: This article aims to discuss the ideas of Michel Foucault, presented in his course *The Courage of Truth*, taught at the Collège de France in 1984, and relate them to the homonymous seminar held on YouTube in 2024, organized by the Laboratory of Discourse and Body Studies (LABEDISCO). The proposal is to bridge these two temporalities – separated by 40 years – to understand how Foucault’s concepts of *parrhesia*, cynicism, the genealogy of power, and the ethics of self-care remain relevant and are reinterpreted in light of contemporary issues. The specific objectives of this article are: (a) to analyze how cynical *parrhesia* constitutes a practice of self-subjectivation,

1 Doutorando em Estudos de Linguagens (PPGEL/UNEB/C1), e bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

2 Professor Pleno na Universidade do Estado da Bahia UNEB. Professor permanente do PPGEL/UNEB - Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens.

a form of “true life” anchored in the courage to speak the truth, both in Foucault’s lectures and in the contemporary seminar; (b) to examine the relevance of the archaeology of knowledge and the genealogy of power in the development of truth politics and self-care as an ethical-political practice; and (c) to investigate the regime of visibility provided by these philosophical practices, addressing how subjectivity is produced and transformed through mechanisms of coercion and discourses of truth.

Keywords: Cynicism; Ethics; Care of the Self; Parrhesia; Truth.

Introdução

As condições de existência deste artigo estão ancoradas em um contexto histórico marcado pela reapropriação das ideias foucaultianas por pesquisadores e pesquisadoras que revisitam e atualizam suas contribuições à luz dos embates e desafios do nosso tempo presente. Em termos de contribuição, o artigo busca oferecer uma leitura atualizada da filosofia foucaultiana, propondo novas formas de pensar a subjetividade e a resistência no cenário atual, fortemente afetado por questões de poder, ética e verdade. Ao trazer à tona a importância da parresia e do cinismo como práticas filosóficas de auto-subjetivação, este trabalho delineia um novo horizonte teórico-metodológico para os estudos discursivos em nossa contemporaneidade.

A metodologia adotada neste artigo é de caráter teórico-analítico, utilizando como *corpus* as aulas de Foucault ministradas em 1984, o seminário de 2024 sobre *A Coragem da Verdade* e as pesquisas apresentadas por estudiosos contemporâneos no evento. A abordagem consiste em uma análise comparativa entre os conceitos apresentados nas aulas de Foucault e sua atualização nas pesquisas atuais, pontuando as (des)continuidades e deslocamentos teóricos ao longo dessas quatro décadas. Essa análise também se insere na prática de “acontecimentalização” proposta por Foucault (1990, p. 13), examinando os modos como poder e saber se entrelaçam na produção de subjetividades.

A Parresia Cínica na Construção do Sujeito

Michel Foucault, em sua aula de 1º de fevereiro de 1984, trabalha a questão da parresia cínica, que ele apresentada como uma forma extrema de coragem voltada para a verdade. A parresia foi abordada como um conceito político nas relações de poder e na política da verdade: práticas de dizer a verdade sobre si mesmo. A parresia, neste sentido, é o ato de falar a verdade sem receio das consequências, constitui um aspecto das práticas discursivas e da construção do sujeito. A forma cínica de parresia se apresenta como um compromisso com a verdade, que abala tanto as normas sociais quanto as estruturas tradicionais de poder. A parresia não é apenas falar livremente, mas falar de forma honesta e completa, sem esconder ou distorcer nada.

O parresiasta não é um profissional. E a parresia é, afinal, outra coisa que não uma técnica ou uma profissão, muito embora haja aspectos técnicos nela. A parresia não é uma profissão, é algo mais difícil de apreender. É uma atitude, uma maneira de ser que se aparenta à virtude, uma maneira de fazer. São procedimentos, meios reunidos tendo em vista um fim e, com isso, claro, se aproxima da técnica, mas também é um papel, um papel útil, precioso, indispensável para a cidade e para os indivíduos. (FOUCAULT, 2016, p. 15).

A parresia, nesse sentido, envolve um compromisso ético com a verdade. Isso significa que o sujeito que pratica a parresia deve ter a coragem de expor a verdade, mesmo que

essa verdade seja desconfortável, perigosa ou contrária às normas sociais estabelecidas. Não se trata apenas de falar qualquer coisa que venha à mente, mas de falar com a responsabilidade de revelar a verdade em sua totalidade, sem camuflá-la ou diluí-la. Ou seja, a parresia não é apenas um exercício de liberdade de expressão, mas um compromisso de falar a verdade de forma completa e transparente. O sujeito que pratica a parresia não esconde, distorce ou suaviza a verdade para agradar ou proteger a si mesma ou aos outros.

Foucault (2013) introduz o conceito de heterotopia para descrever espaços alternativos que se posicionam em oposição ou paralelamente aos espaços normativos da sociedade. Esses espaços permitem que o corpo e o discurso subvertam normas e estruturas estabelecidas.

Não se vive em um espaço neutro e branco; não se vive, não se morre, não se ama no retângulo de uma folha de papel. Vive-se, morre-se, ama-se em um espaço quadriculado, recortado, matizado, com zonas claras e sombras, diferenças de níveis, degraus de escada, vãos, relevos, regiões duras e outras quebrações, penetráveis, porosas. [...] Ora, entre todos esses lugares que se distinguem uns dos outros, há os que são absolutamente diferentes: lugares que se opõem a todos os outros, destinados, de certo modo, a apagá-los, neutralizá-los ou purificá-los. São como que contraespaços. (Foucault, 2013, p. 19)

Comprendemos, portanto, que Foucault está dizendo que o espaço em que vivemos é carregado de significados, não sendo neutro ou homogêneo como uma folha de papel. Nossas experiências de vida, amor e morte ocorrem em ambientes variados, com zonas claras e sombreadas, níveis diferentes e áreas mais ou menos acessíveis. Em termos práticos, Foucault se refere a lugares como prisões, hospitais, cemitérios, que têm uma função específica na sociedade e que, por sua natureza, são distintos dos espaços cotidianos onde vivemos nossas vidas comuns..

Ao analisar a parresia cínica, Foucault examina como essa forma de discurso se distancia das formas convencionais de poder e verdade, engajando-se em práticas que falam diretamente à nossa contemporaneidade. Essa leitura mostra uma relação de reinvenção constante do sujeito, onde a 'autobiografias' (escrever sobre si) se torna um campo de transformação, questionando as formas tradicionais de governança e subjetivação. Outro aspecto é a relação entre poder e o governo dos vivos. Neste contexto, o poder não se manifesta apenas de maneira coercitiva, mas também por meio de práticas de governamentalidade que influenciam as vidas dos sujeitos. O discurso produz, neste sentido, um papel importante, pois os personagens sociais que surgem através dessas práticas discursivas problematizam as condições atuais da sociedade. O ato de enunciar é, na verdade, um ato de confrontação com o poder.

A parresia cínica, ao inserir o sujeito em uma prática discursiva que resiste os domínios de poder, emerge como uma forma de resistência, questionamento e redefinição dos limites impostos pela governança tradicional. A parresia envolve a coragem tanto de quem fala quanto de quem ouve. Para o parresiasta, é a coragem de expressar a verdade de forma completa e sincera, mesmo que isso traga riscos pessoais. Já para o interlocutor, é a coragem de aceitar e enfrentar essa verdade, mesmo que ela seja desconfortável ou desafiadora. Assim, a parresia é uma prática de verdade que exige bravura mútua, fortalecendo a honestidade e a integridade nas relações.

Foucault diferencia a parresia de uma técnica ou profissão, delineando como uma atitude ou maneira de ser que se aproxima de uma virtude, mas também como um papel vital para a sociedade. Embora envolva procedimentos e tenha aspectos técnicos, a parresia é uma modalidade específica de dizer a verdade, distinta da retórica e de outras formas de expressão da verdade encontradas na Antiguidade. Ela é caracterizada pela coragem de falar a verdade de

maneira plena e sincera. Ou seja, ao investigar a parresia dos cínicos, observamos um olhar sobre a coragem necessária para dizer a verdade em contextos que buscam agir contra as normas estabelecidas.

Parresia, Arqueologia e Políticas da Verdade

Na aula de 8 de fevereiro de 1984, Michel Foucault vai aprofundando na análise da parresia, retomando-a não apenas como um conceito, mas dentro um método arqueogenealógico. Em vez de tratá-la como uma simples categoria operacional, Foucault a apresenta como uma abordagem metodológica que permite examinar a formação e o funcionamento dos discursos ao longo da história. A parresia, sob essa perspectiva, torna-se uma ferramenta para desvendar as camadas históricas dos discursos e compreender como eles moldam a verdade em diferentes períodos históricos.

Na democracia, a parresia é vista como perigosa para a cidade porque ela permite que qualquer pessoa tenha a liberdade de tomar a palavra, independentemente de seu nascimento, *status* ou posição. Essa liberdade, que antes era um privilégio restrito aos que eram considerados capazes de dizer a verdade de maneira útil, na democracia se torna acessível a todos, o que pode levar à expressão de interesses pessoais e paixões, em vez de um compromisso com o bem comum. Assim, na democracia, a parresia deixa de ser um privilégio ou dever e se torna uma latitude que pode ameaçar a coesão social: para que a cidade possa existir e ser preservada, a verdade é essencial.

No entanto, essa verdade não pode ser adequadamente expressa no contexto político onde há indiferença entre os que falam e os que ouvem. Em um ambiente onde a palavra é livre para todos, sem considerar a responsabilidade e o impacto dessa verdade, a verdadeira essência da parresia se perde, o que pode comprometer a integridade e o bem-estar da cidade.

Em *O Que é a Crítica?* (1990), Foucault trabalhou o conceito de “acontecimento” e “acontecimentalização”, referindo-se à maneira como eventos históricos são incorporados na filosofia e na prática política:

Pois bem, antes desse procedimento que toma a forma de uma investigação legítima dos moldes históricos do conhecer, se poderia talvez examinar um procedimento diferente. Este, poderia tomar por entrada na questão da *Aufklärung*, não o problema do conhecimento, mas aquele do poder; ele avançaria não como uma investigação legítima, mas como algo que eu chamaria uma experiência deacontecimentalização. Perdoem-me pelo horror da palavra! E, já em seguida, o que isso quer dizer? O que eu entenderia por procedimento de acontecimentalização, devessem os historiadores gritar de horror, seria isso: de início, tomar conjuntos de elementos onde se pode perceber em primeira aproximação, portanto, de modo absolutamente empírico e provisório, conexões entre mecanismos de coerção e conteúdos de conhecimento. (FOUCAULT, 1990, p. 13).

Foucault (1990) está propondo uma abordagem diferente para entender a *Aufklärung* (Iluminismo). Em vez de focar no problema do conhecimento, que seria o caminho tradicional, devemos investigar o poder e como ele se relaciona com o conhecimento. É aí que introduz o conceito de “acontecimentalização,” que, embora seja uma palavra complicada, refere-se à ideia de analisar eventos históricos observando as conexões entre mecanismos de coerção (formas de controle e poder).

De acordo com Foucault (2016), a filosofia deve ser entendida dentro dos modos de veridicção, ou seja, os regimes de verdade que definem a prática do dizer verdadeiro. Esses modos de veridicção estão intimamente ligados ao *ethos* e à constituição do sujeito, revelando que a ética transcende a mera prática moral e adentra o campo da política. O conceito de “cuidado de si” é discutido como uma prática política que se insere na prática da parresia. A parresia, portanto,

não se restringe ao âmbito da filosofia ou da moral, mas se expande para a política, onde a verdade e a ética se encontram dentro de regimes específicos de veridicção. A sexualidade pode ser reinterpretada dentro de um regime político de veridicção, deslocando o discurso parresiástico para o campo da política e reconfigurando a sexualidade em termos políticos.

Dessa forma, é possível repensar a parresia como um método arqueogenealógico que revela a constituição do sujeito dentro dos regimes de verdade. Trata-se também de pensar a parresia para além da filosofia, inserindo-a nas práticas políticas e éticas, e considera a parresia como uma prática que articula a verdade em função de práticas políticas específicas. O que distingue um discurso filosófico de outros tipos de discursos é que ele não apenas busca a verdade, mas também questiona as condições necessárias para que essa verdade possa ser dita. Isso envolve tanto uma reflexão ética sobre como o sujeito pode acessar e se relacionar com a verdade, quanto uma análise das estruturas políticas que determinam quem tem o direito, a liberdade e o dever de falar a verdade. Em suma, o discurso filosófico se preocupa com o conteúdo da verdade e com as condições que permitem ou limitam a sua expressão.

Parresia, Verdade e a Ética no Cuidado de Si

Na aula de 15 de fevereiro de 1984, Michel Foucault trabalha a questão da parresia no campo da ética. A parresia, como prática de dizer a verdade no campo da ética, é exemplificada em Sócrates, que preferiu enfrentar a morte a renunciar à verdade. Ele acreditava que viver sem questionar e buscar a verdade seria desrespeitar o sentido da vida. Sócrates encarna a parresia como um compromisso ético, onde dizer a verdade supera até o instinto de “autopreservação” de si. Sócrates defende que, para decidir o que é justo e injusto, não se deve se preocupar com a opinião geral, mas com a verdade. Para Foucault, a verdade é o critério decisivo para distinguir o justo do injusto. Assim, ao buscar cuidar de si

mesmo e evitar a corrupção, é essencial seguir a verdade. Em vez de se deixar influenciar pela opinião popular, a orientação deve vir de um compromisso com a verdade, que, para Sócrates, orienta a verdadeira justiça.

No início do “Fédon”, como explica Foucault, os discípulos de Sócrates perguntam o que ele deseja para seu enterro, e responde pedindo que seu corpo seja lavado para que as mulheres não precisem fazer isso depois de sua morte. Essa passagem mostra a maneira como Sócrates aplica o cuidado de si também ao seu corpo, evidenciando que sua filosofia não se limita apenas ao aspecto espiritual ou moral, mas também considera o cuidado físico e prático. O cuidado de si é uma prática integral e cuidadosa em todos os aspectos da vida. Neste sentido, Foucault examina a relação entre o sujeito e seu entorno, pontuando a importância fundamental do cuidado de si. Foucault aborda como essa relação vai além da mera prática de cuidado pessoal, englobando também a capacidade do sujeito de articular um discurso sobre si mesmo.

A experiência de si é profundamente pessoal e subjetiva, mas está imersa em uma cultura de si, onde o sujeito é tanto moldado por quanto molda as instituições e práticas ao seu redor. Essa experiência pessoal fornece ao sujeito a autoridade para produzir um discurso verdadeiro, embora esse discurso seja inevitavelmente afetado por seu testemunho individual e pela sua posição subjetiva.

O papel do ‘Si-Pessoal’ é vital, pois surge da interação com o pensamento exterior, conectando o sujeito às estruturas institucionais. Ao abordar a conexão entre o Si e o institucional, Foucault estabelece uma tríade relacional que inclui o “eu,” o “tu,” e o “eles/nós.” Essa tríade demonstra como o sujeito não apenas se constitui em relação a si mesmo, mas também em relação aos outros, criando uma exterioridade que se revela tanto na esfera pessoal quanto na coletiva. Assim, o sujeito se desdobra nesse processo, formando uma interseção entre o individual e o coletivo, e entre o interior e o exterior.

Como defensor de uma filosofia crítica, Foucault sempre demonstrou a necessidade de inventar novas formas de existência, tanto no plano individual quanto no coletivo. Foucault concebe o sujeito não como um ente isolado, mas como parte de uma rede de relações que transcende o próprio ser. Esse desdobramento do sujeito abre espaço para a criação e a invenção de novas formas de vida que se furtam as normas estabelecidas e possibilitam o surgimento de modos de existência alternativos, que são simultaneamente individuais e coletivos. Assim, a relação do sujeito consigo mesmo e com o mundo representa uma prática de contínua reinvenção, na qual o cuidado de si e a capacidade de articular a verdade sobre si mesmo se entrelaçam com a vida coletiva e as estruturas institucionais.

A Parresia e o Cuidado de Si Como Prática Ética Política

Na aula de 22 de fevereiro de 1984, Michel Foucault faz uma transição sobre o que vinha abordando sobre Sócrates. Foucault (2016, p. 109) pergunta o seguinte: “Que relação ética há entre coragem e a verdade? Ou ainda, em que medida a ética da verdade implica a coragem?” A ética da verdade exige coragem porque revelar e afirmar a verdade frequentemente é um modo de enfrentamento, expondo o sujeito a riscos e críticas. A coragem, nesse contexto, é essencial para a prática da parresia, que implica enfrentar o medo e a resistência para dizer a verdade. A coragem não é apenas uma qualidade pessoal, mas uma condição ética necessária para acessar e expressar a verdade de maneira autêntica, contribuindo para a transformação social e política.

Foucault utiliza Sócrates como exemplo de alguém que, ao deslocar a cena do discurso, redefine as formas de articulação da verdade, da parresia e do cuidado de si. Esse deslocamento transforma a palavra em um meio de resistência e auto-formação, exigindo uma nova configuração para quem fala e quem

escuta. A parresia socrática se concentra em levar o interlocutor a prestar conta de si mesmo, exigindo uma reflexão e uma justificativa sincera de suas crenças e ações. Sócrates não se contenta com respostas fáceis ou evasivas; ele insiste em que o indivíduo se confronta com a verdade e suas próprias inconsistências. Nesse processo, a veridicção, ou a prática de dizer a verdade, é fundamental, pois a parresia é entendida como um ato de coragem moral que envolve revelar e enfrentar a verdade sem disfarces.

Segundo Foucault (2016), a parresia e o cuidado de si podem ser usados para diagnosticar o presente, iluminando as formas de poder e verdade que estão em operação atualmente. A parresia vai além de simplesmente ter a coragem de dizer a verdade; ela também envolve a coragem de ouvir a verdade, criando uma relação dialética entre o orador e o ouvinte. O cuidado de si se torna uma prática na formação do sujeito, implicando a responsabilidade de falar e ouvir a verdade. A prática parresiástica subverte as normas e estruturas que regulam a ordem discursiva, contestando hierarquias discursivas e afirmando o poder do sujeito na construção do discurso.

A palavra é um espaço onde o sujeito é construído e onde ocorre uma busca ética que transforma tanto o falante quanto o ouvinte. Falar se torna um ato ético, e o enunciado uma prática que provoca transformação. Participar do jogo discursivo, onde falar e ouvir envolvem um compromisso ético com a verdade: é uma forma de resistência e autoconstituição. O processo de dizer e ouvir a verdade transcende a prática discursiva, e oferece uma forma de contestar as estruturas de poder e as normas que regulam o discurso. O cuidado com a vida é um fator na prática filosófica do cinismo, que se dedica à vida autêntica e virtuosa.

Os cínicos exemplificam essa prática ao viver de acordo com seus princípios e mantendo a integridade pessoal. Para eles, a filosofia não é apenas um estudo teórico, mas uma prática contínua de autoavaliação e confronto com a

verdade, uma importância de alinhar ações e valores com uma vida ética. Trata-se da parresia e o cuidado de si como práticas que moldam a subjetividade e o discurso. É sobre a importância de questionar quem está autorizado a falar e como essa autorização pode servir como uma forma de resistência às imposições normativas. Nesse contexto, a palavra se torna um instrumento de transformação ética, onde o sujeito se constrói através do ato de dizer e ouvir a verdade.

Cuidado de Si, Verdade e Modos de Ver e Ser Visto

Na aula de 29 de fevereiro de 1984, Michel Foucault debate sobre o círculo da coragem e da verdade. Pontua sobre a prática da parresia ética com o tema do cuidado de si mesmo, como a exemplificada por Sócrates, difere significativamente da parresia política em termos de forma, objetivos, domínio e procedimentos. Enquanto a parresia política é voltada para a prática discursiva no espaço público e tem um impacto direto nas questões de governança e poder, a parresia ética se concentra na prática pessoal e no cuidado com a própria vida, fundamentando-se na reflexão moral e na autenticidade pessoal. A parresia ética, como demonstrada por Sócrates, busca a verdade não apenas para o bem da cidade, mas para o aprimoramento individual e a integridade moral. Ela não se limita à utilidade pública ou à eficácia política, mas é uma prática pessoal e filosófica que visa a transformação do sujeito. Sócrates, por exemplo, se dedica a viver de acordo com seus princípios éticos e a encorajar seus interlocutores a fazer o mesmo, refletindo sobre a verdade e a moralidade em um nível íntimo. Apesar de suas diferenças, a parresia ética ainda tem relevância para a cidade e para o governo, pois uma prática ética sólida contribui para um bom governo e a salvação da cidade ao formar cidadãos. Assim, a parresia ética e política se interrelacionam, mas operam em esferas distintas.

Conforme Foucault (2016), a tradição grega da busca por uma vida bela e memorável foi reinterpretada por Sócrates, que introduziu a parresia, ou coragem de dizer a verdade, como princípio na filosofia e na ética pessoal. Em vez de substituir o ideal de uma existência perfeita, a prática socrática integrou a verdade como um elemento essencial para a vida ideal. Assim, a arte de viver se combinou com a tarefa de confrontar e viver de acordo com a verdade, redefinindo a relação entre beleza, verdade e autocuidado. Ao retomar a discussão sobre o cuidado de si, ele demonstra sua relação intrínseca com o modo de vida e a verdade. O cuidado de si deve ser entendido como uma prática contínua e adaptativa que vai além da simples introspecção ou do “desenvolvimento pessoal” isolado.

Essa prática possui múltiplas formas de relação social, transcende categorias modernas como amizade e amor, e envolve um constante processo de transformação em resposta às contingências da vida. Assim, o cuidado de si se apresenta como uma prática de visibilidade e auto-reconhecimento que se diferencia das categorias tradicionais de subjetividade. Foucault reintroduz a hermenêutica do sujeito dentro do contexto da parresia, discutindo como o cuidado de si também implica o cuidado com o outro.

Em, *As Palavras e as Coisas* (1999), Foucault faz uma analogia com o quadro “*Las Meninas*” de Velázquez para demonstrar a posição do sujeito como observador e observado. O olhar é apresentado como um componente fundamental na constituição do sujeito dentro de uma “tela” social, revelando como as práticas discursivas e visuais moldam o sujeito. A arqueologia do olhar, portanto, revela que o sujeito é continuamente moldado e reconstituído ao longo do tempo através do processo de observação e auto-observação:

Seria interessante encontrar a lei prévia desse jogo no quadro *Las meninas*, onde a representação é representada em cada um de seus momentos:

pintor, palheta, grande superfície escura da tela virada, quadros pendurados na parede, espectadores que olham e que são, por sua vez, enquadrados por aqueles que os olham; enfim, no centro, no coração da representação, o mais próximo do que é essencial, o espelho que mostra o que é representado, mas como um reflexo tão longínquo, tão imerso num espaço irreal, tão estranho a todos os olhares que se voltam para outras partes, que não é mais do que a mais frágil reduplicação da representação. (FOUCAULT, 1999, p. 423).

Foucault (1999) está falando sobre os posicionamentos dos sujeitos na pintura *Las Meninas* ao pontuar como o quadro organiza diferentes camadas de observação e representação. A pintura mostra não apenas o próprio processo artístico (o pintor, a palheta e a tela escura em cena), mas também inclui outros espectadores, que são observados pelos personagens da pintura. Assim, Foucault usa *Las Meninas* para demonstrar como a arte pode expressar a relação entre o que é representado e o ato de observar. Com isso, revela um imbricamento entre o olhar do artista, dos espectadores e da própria obra. A hermenêutica do sujeito e a arqueologia do olhar são ferramentas para compreender a constituição social do sujeito. O olhar não é apenas um meio de observação, mas um instrumento pelo qual o sujeito é constituído e reconfigurado dentro do espaço social.

Para Foucault (2016), o cuidado de si, portanto, está intrinsecamente ligado ao modo de vida, refletindo um processo de adaptação e transformação que ocorre em um ambiente onde o sujeito é constantemente observado e observa os outros. Trata da interconexão entre o cuidado de si, o modo de vida e a verdade. Essas práticas não são apenas aspectos individuais, mas profundamente sociais, influenciando e sendo influenciadas pelo contexto em que o sujeito se encontra. A prática parresiástica, então, é vista como um meio de resistência entre ver e ser visto. Este entrelaçamento entre a prática individual do sujeito e a estrutura social demonstra a

relevância do cuidado de si como um aspecto da subjetividade, da vida e da verdade.

Cinismo e Verdade: Auto-Subjetivação?

Na aula de 7 de março de 1984, Michel Foucault continua na análise do cinismo como uma filosofia de ruptura e confronto, demonstrando como essa postura filosófica se manifesta nas práticas discursivas contemporâneas. Ele pergunta: quais são as formas atuais de cinismo? Quem são os cínicos de hoje? A partir dessas questões, Foucault articula a relação entre o discurso e a verdade, mostrando como o cinismo, como prática e ordem discursiva, visa questionar as normas estabelecidas e cria novas formas de subjetivação. Ele identifica o cinismo como uma grande formação discursiva que inclui o sujeito e seu modo de vida. O cínico, ao assumir a verdade da sua modalidade de dizer, articula seu modo de ser, agir e se pronunciar em relação ao outro.

O cinismo, nesse contexto, não é apenas uma postura crítica, mas uma prática, onde o sujeito se desdobra sobre si mesmo, assumindo a responsabilidade pela verdade que profere. Esse processo difere da subjetivação tradicional, que é frequentemente mediada por práticas de dominação e coerção. No cinismo, o sujeito se constitui ativamente, a partir de uma atitude de resistência e confronto. O cinismo interage com diferentes campos do saber, especialmente a política e a religião. O discurso cínico, com seu excesso e desmesura, frequentemente se imbrica ao discurso político, mas também encontra ressonância na história da sexualidade e no campo religioso. Essa interação revela como o cinismo pode ir de encontro as estruturas tradicionais de poder e autoridade, criando novas formas de resistência e confrontação. O cínico, ao se posicionar como sujeito do discurso se torna um agente de transformação sobre si.

Outro aspecto abordado é o regime de veridicção, que ele descreve como a grande esfera que domina a atitude de coragem do

sujeito. O regime de veridicção, associado ao ato de pronunciar e dizer a si mesmo, é marcado pelo sentimento e pela emoção. A verdade, neste contexto, não é apenas uma construção racional, mas também uma produção emocional, onde o sentimento desempenha um papel na constituição do sujeito. O regime de veridicção, ao desencadear uma atitude crítica de dessubmissão do sujeito, permite que o indivíduo se posicione de maneira autônoma, resistindo às pressões externas e afirmando sua própria verdade.

O cinismo, ao se constituir como uma filosofia de ruptura, cria novas possibilidades de ser e agir. O cinismo, ao operar em outra ordem e outro lugar, questiona as condutas tradicionais e propõe um “viver verdadeiro” que se opõe às convenções sociais. Ao fazer isso, o cinismo não apenas contesta as normas estabelecidas, mas também propõe uma nova forma de existência, onde o sujeito se constitui a partir de sua própria verdade. O cinismo é uma forma específica de parresia, ou coragem de dizer a verdade. No cinismo, a verdade não é apenas expressa através de palavras, mas é manifestada diretamente na vida do indivíduo. O cinismo se distingue por ser uma prática onde a verdade é revelada não apenas no discurso, mas na maneira como a pessoa vive e age. Assim, o cinismo se torna uma forma de dizer a verdade que emerge da própria existência e comportamento do sujeito, mostrando que a verdade não é apenas uma questão de palavras, mas de como se vive a verdade.

O cinismo pode ser compreendido como uma forma radical de “vida verdadeira” na filosofia, mas com um enfoque distintivo. Em vez de ser visto como uma ruptura ou uma filosofia marginalizada, o cinismo deve ser entendido como uma extensão ou extrapolação dos temas tradicionais da filosofia sobre a verdadeira vida. Os cínicos não apenas abordam a verdadeira vida de maneira convencional, mas a transformam em uma figura que, embora ainda se almeje a autenticidade e a verdade, adota uma postura radical. Dessa forma, o cinismo não é

uma rejeição completa dos ideais tradicionais, mas uma modificação e ampliação desses ideais, apresentando a vida verdadeira de uma maneira que contesta e expande os limites da filosofia tradicional.

Paradoxo Cínico: Contradição e Coragem

Na aula de 14 de março de 1984, Michel Foucault aborda a temática da coragem da verdade, centrando-se na função e impacto da contradição: o paradoxo cínico. O paradoxo no discurso de um sujeito específico. A contradição não deve ser vista como um mero obstáculo ou erro a ser eliminado, mas como um espaço vital de dissensão e resistência, essencial para a constituição do sujeito. O cínico, ao expor as falácias das verdades estabelecidas, exemplifica como a contradição pode servir como um motor para a crítica e a transformação. O cinismo representa um paradoxo na filosofia ao transformar elementos comuns em pontos de ruptura, criando uma tensão com a tradição filosófica.

Diferente da bravura política e da ironia socrática, que expõem a ignorância dos outros de maneira mais sutil e indireta, a coragem cínica opera de forma mais confrontadora. Ela se manifesta ao provocar reações “negativas” como condenação, desprezo e insulto, em relação a princípios que as pessoas dizem defender. Essa coragem cínica, portanto, contesta as convenções, forçando as pessoas a confrontar a incoerência entre o que afirmam acreditar e como realmente reagem quando esses princípios são postos à prova de forma explícita e incômoda.

A coragem da verdade, vai além de simplesmente falar a verdade: ela envolve arriscar a própria vida, não apenas pelo ato de dizer a verdade, mas também pela maneira como se vive essa verdade. No contexto do cinismo, essa coragem se manifesta através de uma vida vivida de forma tão radical e escandalosa que contraria as normas e valores estabelecidos, colocando em risco a própria existência do indivíduo. O cínico não apenas fala a verdade, mas encarna

essa verdade em sua própria vida, confrontando continuamente as convenções sociais e arriscando sua vida como uma demonstração extrema de comprometimento com essa verdade.

A questão da “verdadeira vida” foi, ao longo do tempo, gradualmente deixando de ser um foco nas reflexões e práticas filosóficas, tornando-se menos proeminente e visível. No entanto, ela não desapareceu completamente, persistindo em alguns pontos e momentos específicos da filosofia, onde ainda é abordada. Embora o conceito tenha perdido parte de sua força, ele continua a ressurgir em determinados contextos filosóficos. O “jogo cínico expõe que a vida vivida em total conformidade com os princípios da verdadeira vida é distinta daquela conduzida pela maioria das pessoas, incluindo os próprios filósofos.

Essa ideia de que a verdadeira vida é, essencialmente, a vida útil marca um lugar na história do cinismo, da filosofia e, certamente, na história da ética ocidental. Isso revela a tensão entre viver segundo ideais filosóficos elevados e as práticas comuns da sociedade, sublinhando a importância de uma vida autêntica e prática no pensamento cínico. Na análise da vida cínica, Foucault pontuou quatro características fundamentais: a vida não dissimulada, a vida independente, a vida reta e a vida soberana, que é senhora de si mesma. O cinismo, ao incorporar esses aspectos, opera de maneira a subverter os sistemas estabelecidos, revela suas contradições e expõe-os ao escândalo. Essa prática cínica é uma reflexão crítica sobre o que é realmente viver uma “verdadeira vida”.

Foucault pontua que os regimes de veridicção, ou seja, os sistemas através dos quais a verdade é produzida e validada, devem ser entendidos como campos relacionais onde a verdade é constantemente buscada e decifrada. Podemos comparar essa busca à figura oracular do mito de Édipo, que simboliza o sujeito e sua incessante relação com o presente. No mito, a verdade é apresentada como um processo contínuo de interpretação e revelação,

demonstrando a natureza mutável do sujeito. A contradição não deve ser eliminada, mas valorizada como um ponto onde o sujeito se constitui e se expressa. Analisar os diferentes tipos de contradição nos discursos é algo pertinente para compreender as tensões internas do sujeito e as áreas de dissensão dentro do discurso. A contradição serve para revelar as falácias e incoerências das verdades estabelecidas, funcionando como uma forma de resistência e um “método” para agir contra os regimes de veridicção predominantes. A contradição é um motor para a transformação. A história do sujeito, marcada por suas contradições, é uma história de dissensão onde as verdades são constantemente construídas e questionadas ao longo do tempo. A contradição permite que novas formas de subjetivação e modos de ser emergem, provocando e redefinindo os parâmetros tradicionais de existência e seus modos de agir.

A Verdadeira Vida: Cinismo e Produção de Verdade

Na aula de 21 de março de 1984, Michel Foucault examina como os cínicos tomaram os temas da “verdadeira vida” e os levaram ao extremo, transformando-os em uma manifestação escandalosa de uma “vida outra”. Essa dramatização pelos cínicos, que envolve viver de maneira completamente transparente, independente e reta, acaba por expor a hipocrisia e as falácias dos sistemas filosóficos e sociais tradicionais. A verdadeira vida, quando levada ao limite pelos cínicos, se torna algo radicalmente diferente: uma vida que impacta. Essa inversão e radicalização são o que tornam o cinismo uma filosofia escandalosa e perturbadora. Foucault introduz a figura do cínico e a relação mestre-discípulo como exemplos de como a verdade é produzida não apenas através do discurso, mas também pelas práticas de vida e emoções. Ele primeiro descreve a relação de gozo-posse como

uma forma de gozo-prazer em que a verdadeira satisfação vem de um estado de vida soberana.

Nesse estado, o prazer não depende de objetos externos ou do corpo, mas é encontrado internamente e é autossuficiente. O prazer é visto como algo que pode ser possuído indefinidamente, sem risco de perda. Essa forma de gozo é autossuficiente, demonstrando a capacidade de encontrar plenitude e satisfação dentro de si mesmo, sem depender de fatores externos. Ao discutir a relação entre mestre e aluno, e também entre amigos, aborda como essas interações podem ser vistas sob a ótica da prática filosófica e ética. Nessas relações, o papel do mestre ou amigo não é apenas transmitir conhecimento ou conselhos, mas engajar-se em um diálogo que promove o desenvolvimento do outro. O mestre, por exemplo, faz com que o aluno comece a questionar suas próprias crenças e a buscar a verdade, enquanto a amizade oferece um espaço para a troca mútua de ideias e experiências, que também contribui para a formação ética e pessoal de cada indivíduo. Essas relações são fundamentais para a prática da parresia e do cuidado de si.

O cínico, conforme descrito, é um combatente que representa a luta em múltiplas dimensões: contra inimigos, pelo bem dos outros e pela humanidade em geral. Sua resistência é marcada por um despojamento constante e uma provação perpétua, em que ele se dedica não apenas a si mesmo, mas também à causa coletiva. Esse “rei de miséria” é ao mesmo tempo um símbolo de resistência e de dedicação. Ele se engaja em uma batalha contínua, que combina o combate pessoal com uma luta mais ampla em prol da humanidade. O cínico, nessa visão, assume a responsabilidade pela humanidade de forma humilde e rigorosa. Sua tarefa é árdua e repleta de denúncias, mas é também profundamente benéfica e elevada. Ele não apenas critica as normas e os valores estabelecidos, mas o faz com a intenção de promover um bem maior, e demonstra a importância de sua missão.

Os modos de veridicção são apresentados como essenciais para entender o “Si” político e a relação do sujeito com a vida pública. A vida cínica, caracterizada por excessos e desafios às normas estabelecidas, é comparada à história da sexualidade, numa interação entre o sujeito e as práticas de vida pública. A relação entre mestre e discípulo é delineada como um exemplo de prática de si e produção de saber, onde o mestre guia o discípulo através de um cuidado ético, emocional e subjetivo. Foucault recontextualiza questões como corpo, prazer e gozo, propondo que o gozo pode ser compreendido como uma forma de saber e abrindo novas possibilidades de estudo. Este posicionamento leva à ideia de soberania de si, onde o sujeito constrói sua própria história com base em seus sentimentos e emoções. Trata-se também de reconsiderar a relação entre vida pública e privada, mediada por modos de veridicção e práticas de si.

A prática da parresia, o deslocamento do sujeito da polis para a prática de si, e a produção de saber através da amizade e do gozo criam novas formas de se relacionar com a verdade e com os outros. Isso nos leva a repensar as formas como a verdade é construída e vivida, tanto no contexto individual quanto na esfera pública.

Filosofia como Prática de Vida: Soberania Cínica e Enigmas da Verdade

Na aula de 28 de março de 1984, Michel Foucault investiga os diálogos entre filosofia, saber e moralidade, utilizando as figuras dos estoicos e de *Epicteto* para examinar o papel do filósofo na sociedade e o conceito de parresia. A soberania cínica permite que o indivíduo alcance uma forma de felicidade ao aceitar seu próprio destino. Para o cínico, essa aceitação não é passiva, mas uma forma de afirmar sua liberdade e autonomia. Ao se submeter ao que lhe é imposto, o cínico demonstra uma relação com seu próprio destino marcada pela aceitação, reconhecendo que, ao ser guiado por Zeus ou por forças maiores, ele afirma sua capacidade

de encontrar satisfação e propósito dentro das circunstâncias dadas.

A vida cínica exige um conhecimento de si mesmo, que vai além da mera reflexão sobre a verdade. O cínico deve realizar uma autoavaliação rigorosa, comparável ao treinamento de um atleta, para enfrentar as provações da vida. Esse processo envolve medir suas próprias capacidades e limitações com precisão, de maneira que esteja preparado para lidar com vícios, tentações e falhas pessoais. A preparação do cínico exige um exame constante de sua própria vida e caráter, permitindo-lhe enfrentar as adversidades com uma compreensão clara de suas forças e fraquezas. O cínico se coloca como um guia que revela a cegueira dos outros, questionando suas ações e suas próprias crenças e práticas.

A filosofia não deve ser vista apenas como uma busca intelectual, mas como uma prática vivida, que se reflete nas ações cotidianas do filósofo. A parresia, ou coragem de dizer a verdade, é pertinente para essa prática, que viver uma vida verdadeira envolve enfrentar enigmas em vez de buscar respostas fáceis. Assim, a filosofia se configura como uma jornada contínua de questionamento na decifração de si, onde a verdade está no processo investigativo, e não em respostas definitivas.

Foucault (2016) inicia a discussão levantando a questão de se a filosofia pode ser universalmente acessível. Epicteto, um filósofo estoico, é usado para falar sobre a produção de saberes e o lugar do sujeito moral. Para os estoicos, o filósofo não é apenas um pensador isolado, mas alguém cuja filosofia deve se manifestar socialmente. A filosofia, portanto, é mais do que uma busca intelectual; é uma prática de vida que deve se expressar nas ações do dia a dia. Na segunda parte da aula, Foucault retorna ao conceito de parresia, discutindo o papel da (des)obediência, que envolve a capacidade de questionar os processos de normatização. Viver uma vida verdadeira implica estar no centro de enigmas, enfrentando questões que não têm

respostas fáceis. Esses enigmas são parte do regime de verdade, e a vida filosófica é definida pelo trabalho contínuo dessas questões.

A parresia não é apenas uma coragem para enfrentar a oposição humana e convencer os outros da verdade, mas também envolve uma dimensão espiritual. É sobre uma confiança profunda em Deus que se manifesta como coragem diante dos desafios e das perseguições. Esta confiança em Deus é indissociável da coragem que se demonstra nas relações com os homens, formando uma virtude que une a bravura ética com a fé divina. É uma forma de confiança robusta e assertiva na verdade que se diz, uma coragem que não hesita em expor e afirmar a verdade, mesmo diante de riscos e adversidades. É sobre reconsiderar a filosofia como uma prática de vida onde o saber e a moralidade estão entrelaçados. A filosofia deve ser vivida e expressa através das ações sociais. A parresia é essencial para essa prática, especialmente no contexto de desobediência e questionamento. A ideia de que a verdade se encontra nos enigmas, e não nas respostas prontas, nos conduz a ver a vida verdadeira como uma jornada contínua de questionamento.

Conclusão

Michel Foucault, em suas aulas de fevereiro e março de 1984 sobre *A Coragem da Verdade*, produz uma análise da relação entre discurso e coragem. Foucault delinea como o discurso não é apenas um meio de expressão, mas uma prática que molda e é moldada pelas normas sociais e políticas, revelando um processo contínuo de resistência e modos de transformação. Examina, também, o cinismo como uma forma de prática discursiva que serve para contestar as normas estabelecidas. O cínico, não se limita a criticar passivamente, mas engaja-se ativamente em criar novas formas de subjetividade ao questionar abertamente as normas sociais. Essa postura cínica é uma forma de resistência corajosa que expõe a fragilidade das verdades dominantes

e o *status quo*. Ao fazê-lo, o cínico não apenas contesta o presente, mas também abre espaço para novas maneiras de pensar e viver.

O conceito de regime de veridicção é encadeado na análise de Foucault. A verdade não é simplesmente uma construção racional, mas também emocional e afetiva. O regime de veridicção é, portanto, caracterizado pela influência das emoções e sentimentos, que desempenham papéis na constituição do sujeito e na produção da verdade. A coragem da verdade, nesse contexto, vai além de simplesmente falar a verdade; envolve um engajamento crítico com o discurso e a exposição das contradições e paradoxos inerentes às normas e verdades estabelecidas. Aparece aí a relação entre a vida pública e privada na produção da verdade, onde o sujeito deve se deslocar da esfera pública para a prática de si.

A verdade não é moldada apenas por discursos formais, mas também pelas interações diárias e práticas cotidianas. A coragem de enfrentar a verdade está intimamente ligada à capacidade de confrontar enigmas e questões filosóficas tanto na esfera pública quanto na privada. A prática da *parresia*, portanto, transcende o discurso formal e se entrelaça com a vida cotidiana. Além disso, Foucault relaciona a filosofia à prática de vida, utilizando os estoicos e Epicteto como exemplos. A filosofia deve ser vivida e expressa nas ações cotidianas, e não se restringir a uma busca puramente intelectual. A *parresia*, ou coragem de dizer a verdade, é essencial para essa prática filosófica.

Assim, o discurso está entrelaçado com a vida do sujeito, criando novas formas de subjetividade e verdade. O discurso e a coragem da verdade estão interligados em um processo contínuo de resistência. A coragem de enfrentar a verdade envolve tanto o confronto com as normas estabelecidas quanto a criação de novas formas de ser, agir e resistir.

Referências

FOUCAULT, M. *A Coragem da Verdade: O Governo de Si e dos Outros II*. Tradução de Eduardo Brandão, São Paulo: Martins Fontes, 2016.

FOUCAULT, M. *As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução de Salma Tannus Muchail. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Coleção Tópicos).

FOUCAULT, M. *O Corpo Utópico, as Heterotopias*. Posfácio de Daniel Defert. Tradução Salma Tannus Muchail. São Paulo: n-1Edições, 2013.

FOUCAULT, M. *Qu'est-ce que la critique? Critique et Aufklärung*. *Bulletin de la Société Française de Philosophie*, 82(2), 35-63. (Conferência proferida em 27 de maio de 1978). Tradução de Gabriela Lafetá Borges e revisão de Wanderson Flor do Nascimento, 1990.

Youtubologia

MILANEZ, N. *A Coragem da Verdade, Foucault*, aula de 01/02/1984. YouTube, 1 fev. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CgDMaaUN60E&t=5s>. Acesso em: 23 set. 2024.

MILANEZ, N. *A Coragem da Verdade, Foucault*, aula de 07/03/1984. YouTube, 1 fev. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2y6tHNqVzgY>. Acesso em: 23 set. 2024.

MILANEZ, N. *A Coragem da Verdade, Foucault*, aula de 08/02/1984. YouTube, 1 fev. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fttHxeQwWJA>. Acesso em: 23 set. 2024.

MILANEZ, N. *A Coragem da Verdade, Foucault*, aula de 14/03/1984. YouTube, 1 fev. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C6mPhHRNGEg>. Acesso em: 23 set. 2024.

MILANEZ, N. *A Coragem da Verdade, Foucault*, aula de 15/02/1984. YouTube, 1 fev. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wiPd2wf9riU>. Acesso em: 23 set. 2024.

MILANEZ, N. *A Coragem da Verdade, Foucault*, aula de 21/03/1984. YouTube, 1 fev. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4Agj9ffY9cY>. Acesso em: 23 set. 2024.

MILANEZ, N. *A Coragem da Verdade, Foucault*, aula de 22/02/1984. YouTube, 1 fev. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hxybQ4K8jEM>. Acesso em: 23 set. 2024.

MILANEZ, N. *A Coragem da Verdade, Foucault*, aula de 29/02/1984. YouTube, 1 fev. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MrKbXpuwKAA>. Acesso em: 23 set. 2024.

MILANEZ, N. *A Coragem da Verdade, Foucault*, aulas de 21/03/1984 e 28/03/1984. YouTube, 1 fev. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=92gWYX6tSMY>. Acesso em: 23 set. 2024.

Submissão: setembro de 2024
Aceite: novembro de 2024